GUILHERME DE ALMEIDA

PARALELAMENTE
A
PAUL VERLAINE

SÃO PAULO
LIVRARIA MARTINS EDITÔRA

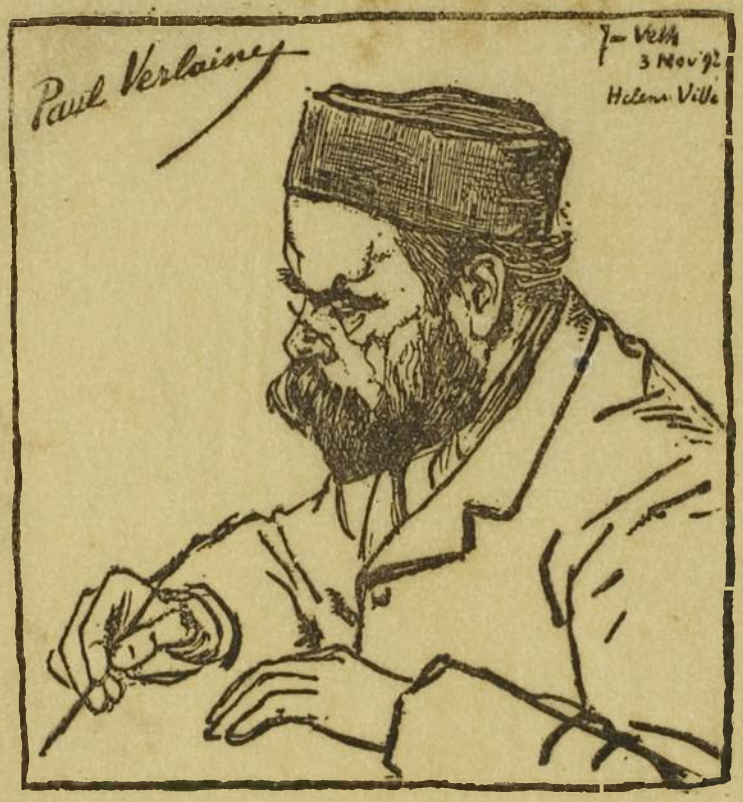
LIVRARIA
MONTEIRO LOBATO
AV. S. JOÃO 577
TELEFONE 4-6268 - SÃO PAULO

PARALELAMENTE
A
PAUL VERLAINE

A Helena de Magalhães
Castro - para a sua sensi-
bilidade excepcional.

[illegible]

20. I. 949.


Paul Verlaine
J. Veth
3 Nov. 92
Helen Ville

GUILHERME DE ALMEIDA

PARALELAMENTE A PAUL VERLAINE

DESENHOS DE *DORCA*

1944
LIVRARIA MARTINS EDITÔRA
SÃO PAULO

COMPÕE-SE ESTA EDIÇÃO DE
2.000 EXEMPLARES COMUNS,
NUMERADOS DE 1 A 2.000; E
150 EXEMPLARES EM "VERGÉ"
NUMERADOS DE I A CL
ASSINADOS PELO AUTOR.

EXEMPLAR Nº 1583 *

MINHA CARTA A PAUL VERLAINE

(NO CENTENÁRIO DE SEU NASCIMENTO)

PAUVRE LÉLIAN, meu desgraçado amigo,
se tu soubesses como estás comigo
nesta noite sòzinha e triste dêste
ano em que faz cem anos que nasceste!
Deixa que eu baixe a lâmpada e que cerre
o "store". O teu retrato por Carrière,
numa reprodução pobre suspensa
a essa parede do meu quarto, pensa.
(Tão côr de terra, êla talvez imite
"un vieux faune" qualquer "de terre cuite") . . .

Lembro-me bem. Foi numa noite assim
que eu disse à Vida os versos do teu "Green":
"Voici des fruits, des fleurs"... Mas, nem sequer
Ela me ouviu. (Sou poeta; Ela é mulher...).

Num teclado, uma vez, meu bom Verlaine,
beijei "les chères mains qui furent miennes,"
perfumadas daquele luar de som
que Reynaldo Hahn compôs: "Les sanglots longs...",
e leves como o azul piedoso que há
no teu "Le ciel est, par-dessus le toit"...

Só por seguir-te, ó poeta de Saturno,
o meu signo do Sol se fêz noturno.
Quantas vêzes, nas minhas noites boêmias,
sentindo nossas almas irmãs gêmeas,
no "bar," na rua, eu te pedia: — Dá-me
teu braço! ("O triste, triste était mon âme!")?
E nós eramos dois num mesmo instinto,
sob o bico-de-gás e sôbre o absinto,
bebendo nossos versos gole a gole.
"Et la nuit seule entendit leurs paroles"...

Hoje... Penso no teu, no meu París.
Que será feito dêle? Quem nos diz

se existe ainda o teu Hôtel de Ville? . . .
Montmartre, onde Mathilde de Fleurville,
noiva-menina, te esperava com
o alvo "bouquet" de "La Bonne Chanson"?. . .
E os cafés literários por aí,
rua de Rivoli, praça Clichy?. . .
E essa rua Chaptal, onde Niná,
Villiers de l'Isle-Adam, Hérédia,
Coppée, France, Mendès, Sully-Prudhomme
(e outros, de que já nem me lembro o nome),
"les chers, les bons, les braves Parnassiens",
ouviam teus "Poèmes Saturniens"? . . .
E a casa dos Mauté, onde poisou
— Anjo da Anunciação — Arthur Rimbaud,
desdenhoso, enigmático, insolente,
entre "Iluminações" de adolescente? . . .
E Versalhes, onde ias, com Watteau,
ver "sangloter d'extase les jets d'eau"? . . .
E o teu Quartier Latin da decadência,
onde, distilador de quintessência,
montaste teu balcão em que comprou
París "prose au kilo, vers frais ou faux"? . . .
E a ruela, o cais, as "caves", o trapiche
sôbre o Sena, a "terrasse," o teu Boul'Miche
em que, quando passavas — o ar perdido

e a máscara socrática —, sumido
sob a miséria do teu "mac-farlane",
o burguês te apontava: — "É Paul Verlaine!"?...

Que será feito disso tudo agora?

Se isso ainda existe para alguém, nesta hora
desta noite sozinha e triste dêste
ano em que faz cem anos que nasceste,
é porque déste a tudo a eternidade
que não existe na felicidade:
— porque deixaste para algum amigo
não sei o quê, que não morreu contigo,
que, na rua Descartes, 39,
ainda sente, ainda pensa, ainda se move,
ainda sonha, ainda sofre, ainda fará
alguém poeta...

"Pauvre âme c'est cela"!

SÃO PAULO, MAIO, 6, 1944

GUILHERME DE ALMEIDA

DOS

"POÈMES SATURNIENS"

MON RÊVE FAMILIER

Je fais souvent ce rêve étrange et pénétrant
D'une femme inconnue, et que j'aime, et qui m'aime
Et qui n'est, chaque fois, ni tout à fait la même
Ni tout à fait une autre, et m'aime et me comprend.

Car elle me comprend, et mon cœur, transparent
Pour elle seule, hélas! cesse d'être un problème
Pour elle seule, et les moiteurs de mon front blême,
Elle seule les sait rafraîchir, en pleurant.

MEU SONHO FAMILIAR

Sonho às vêzes o sonho estranho e persistente
De não sei que mulher que eu quero, e que me quer,
E que nunca é, de fato, uma única mulher
E nem outra, de fato, e me compreende e sente.

Comprende-me, e êste meu coração, transparente
Para ela, não é mais um problema qualquer,
Só para ela, e meu suor de angústia, se quiser,
Chorando, ela transforma em frescura envolvente.

Est-elle brune, blonde ou rousse? — Je l'ignore.
Son nom? Je me souviens qu'il est doux et sonore
Comme ceux des aimés que la Vie exila.

Son regard est pareil au regard des statues,
Et pour sa voix, lointaine, et calme, et grave, elle a
L'inflexion des voix chères qui se sont tues.

Se é morena, ou se é loira, ou se é ruiva — eu ignoro.
Seu nome? É como o nome ideal, doce e sonoro,
Dos amados que a Vida exilou para além.

Seu olhar lembra o olhar de alguma estátua antiga,
E sua voz longínqua, e calma, e grave, tem
Certa inflexão de emudecida voz amiga.

CHANSON D'AUTOMNE

Les sanglots longs
Des violons
De l'automne
Blessent mon cœur
D'une langueur
Monotone.

CANÇÃO DE OUTONO

Êstes lamentos
Dos violões lentos
Do outono
Enchem minha alma
De uma onda calma
De sôno.

Tout suffocant
Et blême quand
Sonne l'heure,
Je me souviens
Des jours anciens
Et je pleure.

Et je m'en vais
Au vent mauvais
Qui m'emporte
Deçà, delà,
Pareil à la
Feuille morte.

E soluçando,
Pálido, quando
Sôa a hora,
Recordo todos
Os dias doudos
De outrora.

E vou à-toa
No ar mau que voa,
Que importa?
Vou pela vida,
Fôlha caída
E morta.

DE

"LES FÊTES GALANTES"

L'AMOUR PAR TERRE

Le vent de l'autre nuit a jeté bas l'Amour
Qui, dans le coin le plus mystérieux du parc,
Souriait en bandant malignement son arc,
Et dont l'aspect nous fit tant songer tout un jour!

Le vent de l'autre nuit l'a jeté bas! Le marbre
Au souffle du matin tournoie, épars. C'est triste
De voir le piédestal, où le nom de l'artiste
Se lit péniblement parmi l'ombre d'un arbre.

O AMOR POR TERRA

O vento derrubou ontem à noite o Amor
Que, no recanto mais secreto do jardim,
Sorria retesando o arco maligno, e assim
Tanta coisa nos fêz todo um dia supor!

O vento o derrubou ontem à noite. À aragem
Da manhã gira, esparso, o mármore alvo. E à vista
É triste o pedestal, onde o nome do artista
Já mal se pode ler à sombra da ramagem.

Oh! c'est triste de voir debout le piédestal
Tout seul! et des pensers mélancoliques vont
Et viennent dans mon rêve où le chagrin profond
Évoque un avenir solitaire et fatal.

Oh! c'est triste! — Et toi-même, est-ce pas? es touchée
D'un si dolent tableau, bien que ton œil frivole
S'amuse au papillon de pourpre et d'or qui vole
Au-dessus des débris dont l'allée est jonchée.

É triste ver ali de pé o pedestal
Sòzinho! e pensamentos graves vêm e vão
No meu sonho em que a mais profunda comoção
Imagina um porvir solitário e fatal

É triste! — E tu, não é?, ficas emocionada
Ante o quadro dolente, embora olhando à-toa
A borboleta de oiro e púrpura que voa
Sôbre os destroços de que a aléa está juncada.

EN SOURDINE

Calmes dans le demi-jour
Que les branches hautes font,
Pénétrons bien notre amour
De ce silence profond.

Fondons nos âmes, nos cœurs
Et nos sens extasiés
Parmi les vagues langueurs
Des pins et des arbousiers.

EM SURDINA

Calmos, na sombra incolor
Que dos galhos altos vem,
Impregnemos nosso amor
Dêste silêncio de além.

Juntemos os corações
E as almas sentimentais,
Entre as vagas lassidões
Das framboezas, dos pinhais.

Ferme tes yeux à demi,
Croise tes bras sur ton sein,
Et de ton cœur endormi
Chasse à jamais tout dessein.

Laissons-nous persuader
Au souffle berceur et doux
Qui vient à tes pieds rider
Les ondes de gazon roux.

Et quand, solennel, le soir
Des chênes noirs tombera,
Voix de notre désespoir,
Le rossignol chantera.

Cerra um pouco o olhar, no teu
Seio poisa a tua mão,
E da alma que adormeceu
Afasta tôda intenção.

Deixemo-nos persuadir
Pelo sôpro embalador
Que vem a teus pés franzir
As ondas da relva em flor.

A noite solene, então,
Dos robles negros cairá,
E, voz da nossa aflição,
O rouxinol cantará.

COLLOQUE SENTIMENTAL

Dans le vieux parc solitaire et glacé
Deux formes ont tout à l'heure passé.

Leurs yeux sont morts et leurs lèvres sont molles,
Et l'on entend à peine leurs paroles.

Dans le vieux parc solitaire et glacé,
Deux spectres ont évoqué le passé.

COLÓQUIO SENTIMENTAL

No velho parque frio e abandonado,
Duas formas passaram, lado a lado.

Olhos sem vida já, lábios tremendo,
Apenas se ouve o que elas vão dizendo.

No velho parque frio e abandonado,
Dois vultos evocaram o passado.

— Te souvient-il de notre extase ancienne?
— Pourquoi voulez-vous donc qu'il m'en souvienne?

— Ton cœur bat-il toujours à mon seul nom?
Toujours vois-tu mon âme en rêve? — Non.

— Ah! les beaux jours de bonheur indicible
Où nous joignions nos bouches! — C'est possible.

— Qu'il était bleu, le ciel, et grand, l'espoir!
— L'espoir a fui, vaincu, vers le ciel noir.

Tels ils marchaient dans les avoines folles,
Et la nuit seule entendit leurs paroles.

— Lembras-te bem do nosso amor de outrora?
— Porque é que hei de lembrar-me disso agora?

— Bate sempre por mim teu coração?
Vês sempre em sonho minha sombra? — Não.

— Ah! aquêles dias de êstase indizível
Em que as bôcas se uniam! — É possível.

— Como era azul o céu, e grande, o sonho!
— Êsse sonho sumiu no céu tristonho.

Assim por entre as moitas êles iam,
E só a noite escutou o que diziam.

DE

"LA BONNE CHANSON"

LA LUNE BLANCHE

La lune blanche
Luit dans les bois ;
De chaque branche
Part une voix
Sous la ramée . . .

O bien-aimée.

O LUAR GRISALHO

O luar grisalho
Brilha no bosque;
De cada galho
Parte uma voz que
Roça a ramada...

Ó bem-amada.

L'étang reflète,
Profond miroir,
La silhouette
Du saule noir
Où le vent pleure...

Rêvons: c'est l'heure.

Un vaste et tendre
Apaisement
Semble descendre
Du firmament
Que l'astre irise...

C'est l'heure exquise.

Reflete o lago,
Espelho puro,
O vulto vago
Do choupo escuro
Que ao vento chora...

Sonhemos: é hora.

Um grande e brando
Quebrantamento
Vem, vem baixando
Do firmamento
Que o astro ilumina...

É a hora divina.

LE FOYER, LA LUEUR...

Le foyer, la lueur étroite de la lampe;
La rêverie avec le doigt contre la tempe
Et les yeux se perdant parmi les yeux aimés;
L'heure du thé fumant et des livres fermés;
La douceur de sentir la fin de la soirée;
La fatigue charmante et l'attente adorée

O LAR, A ESTREITA LUZ...

O lar, a estreita luz de uma lâmpada honesta;
O desvaneio com um dedo contra a testa
E os olhos a sumir nos olhos bem-amados;
A hora do chá cheiroso e dos livros fechados;
O prazer de sentir o fim de uma noitada;
A adorável fadiga e a espera idolatrada

De l'ombre nuptiale et de la douce nuit,
Oh! tout cela, mon rêve attendri le poursuit
Sans relâche, à travers toutes remises vaines,
Impatient des mois, furieux des semaines!

De uma sombra nupcial e de uma noite doce,
A tudo isso o meu sonho terno dedicou-se
Sem tréguas, contra vãs dilações cotidianas,
Devorando, impaciente, os meses e as semanas!

LE BRUIT DES CABARETS...

Le bruit des cabarets, la fange des trottoirs,
Les platanes déchus s'effeuillant dans l'air noir,
L'omnibus, ouragan de ferraille et de boues,
Qui grince, mal assis entre ses quatres roues,
Et roule ses yeux verts et rouges lentement,
Les ouvriers allant au club tout en fumant

A VOZ DOS BOTEQUINS...

A voz dos botequins, a lama das sarjetas,
Os plátanos largando no ar as fôlhas pretas,
O ônibus, furacão de ferragens o lôdo,
Que entre as rodas se empina e desengonça todo,
Lentamente, o olhar verde e vermelho rodando,
Operários que vão para o grêmio fumando

Leur brûle-gueule au nez des agents de police,
Toits qui dégouttent, murs suintants, pavé qui glisse,
Bitume défoncé, ruisseaux comblant l'égout,
Voilà ma route — avec le paradis au bout.

Cachimbo sob o olhar de agentes de polícia,
Paredes e beirais transpirando imundícia,
A enxurrada entupindo o esgôto, o asfalto liso,
Eis meu caminho — mas no fim há um paraíso.

DAS "ROMANCES SANS PAROLES"

C'EST L'EXTASE LANGOUREUSE...

Le vent dans la plaine
Suspend son haleine.
FAVART

C'est l'extase langoureuse,
C'est la fatigue amoureuse,
C'est tous les frissons des bois
Parmi l'étreinte des brises,
C'est, vers les ramures grises,
Le chœur des petites voix.

É O ÊXTASE LANGOROSO...

É o extase langoroso,
E o cansaço amoroso,
É todo o bosque a vibrar
Ao enlace das aragens,
São, nas grisalhas ramagens,
Mil vozes a cochichar.

O le frêle et frais murmure!
Cela gazouille et susurre,
Cela ressemble au cri doux
Que l'herbe agitée expire...
Tu dirais, sous l'eau qui vire,
Le roulis sourd des cailloux.

Cette âme qui se lamente
En cette plainte dormante,
C'est la nôtre, n'est-ce pas?
La mienne, dis, et la tienne,
Dont s'exhale l'humble antienne
Par ce tiède soir, tout bas?

Ó o fino e fresco cicio!
É chilreio e murmurio,
Parece êsses doces ais
Que a relva móvel suspira...
Dirias, na água que gira,
Rolar de seixos casuais.

Essa alma que se lamenta
Nessa queixa sonolenta
Não será a nossa, ai de nós?
A minha à tua enlaçada,
Exalando a humilde toada
Nesta tarde, a meia-voz?

ARIETTE

Il pleut doucement sur la ville.
ARTHUR RIMBAUD

Il pleure dans mon cœur
Comme il pleut sur la ville.
Quelle est cette langueur
Qui pénètre mon cœur?

O bruit doux de la pluie
Par terre et sur les toits!
Pour un cœur qui s'ennuie,
O le chant de la pluie!

ARIETA

Chora o meu coração
Como chove na rua;
Que lânguida emoção
Me invade o coração?

Ó frio murmurío
Nas telhas e no chão!
Para um coração vazio,
Ó aquêle murmurío!

Il pleure sans raison
Dans ce cœur qui s'écœure.
Quoi! nulle trahison?
Ce deuil est sans raison.

C'est bien la pire peine
De ne savoir pourquoi,
Sans amour et sans haine,
Mon cœur a tant de peine.

Chora não sei que mal
Meu coração cansado.
Um desengano? Qual!
É sem causa êste mal.

É a maior dor — dói tanto! —
Não se saber porque,
Sem ódio ou amor, no entanto
O coração dói tanto.

GREEN

Voici des fruits, des fleurs, des feuilles et des branches,
Et puis voici mon cœur qui ne bat que pour vous;
Ne le déchirez pas avec vos deux mains blanches,
Et qu'à vos yeux si beaux l'humble présent soit doux.

J'arrive tout couvert encore de rosée
Que le vent du matin vient glacer à mon front.
Souffrez que ma fatigue, à vos pieds reposée,
Rêve des chers instants qui la délasseront.

GREEN

Aqui estão frutos, flores, fôlhas, que eu vos trouxe,
E um coração que só por vós sabe pulsar.
Não o despedaceis com vossa mão tão doce,
E possa o humilde dom ser grato ao vosso olhar.

Ainda tenho no rosto o orvalho que a alvorada
Vem regelar em mim com sua viração.
Que esta minha fadiga, a vossos pés prostrada,
Sonhe os instantes bons que a reconfortarão.

Sur votre jeune sein laissez rouler ma tête
Toute sonore encor de vos derniers baisers;
Laissez-la s'apaiser de la bonne tempête,
Et que je dorme un peu, puisque vous reposez.

Deixai rolar no seio moço a fronte lenta
Em que ainda ecoam vossos beijos musicais;
Deixai-a sossegar da bendita tormenta,
E que eu durma um instante, enquanto repousais.

DE
"SAGESSE"

LES MAINS

Les chères mains qui furent miennes,
Toutes petites, toutes belles,
Après ces méprises mortelles
Et toutes ces choses païennes,

Après les rades et les grèves,
Et les pays et les provinces,
Royales mieux qu'au temps des princes,
Les chères mains m'ouvrent les rêves.

AS MÃOS

As doces mãos que foram minhas,
Tão bonitas e tão pequenas
Depois de enganos e de penas
E de tantas coisas mesquinhas,

Depois de portos tão risonhos
Províncias, cantos pitorescos,
Reais como em tempos principescos,
As doces mãos abrem-me os sonhos.

Mains en songe, mains sur mon âme,
Sais-je, moi, ce que vous daignâtes,
Parmi ces rumeurs scélérates,
Dire à cette âme qui se pâme?

Ment-elle, ma vision chaste,
D'affinité spirituelle,
De complicité maternelle,
D'affection étroite et vaste?

Remords si cher, peine très bonne,
Rêves bénis, mains consacrées,
O ces mains, ses mains vénérées,
Faites le geste qui pardonne!

Mãos em sonho sôbre a minha alma,
Que sei eu o que vos dignastes,
Entre tão pérfidos contrastes,
Dizer a esta alma pasma e calma?

Mentirá minha visão casta
De espiritual afinidade,
De maternal cumplicidade
E de afeição estreita e vasta?

Remorso bom, mágoa tão boa,
Sonhos santos, mãos consagradas,
Oh! essas mãos, mãos veneradas,
Fazei o gesto que perdoa!

D'UNE PRISON

La ciel est, par-dessus le toit,
Si bleu, si calme!
Un arbre, par-dessus le toit,
Berce sa palme.

La cloche, dans le ciel qu'on voit,
Doucement tinte.
Un oiseau sur l'arbre qu'on voit
Chante sa plainte.

DE UMA PRISÃO

O céu azul, sôbre o telhado,
Tem tanta calma!
Uma árvore, sôbre o telhado,
Move uma palma.

O sino, sob o céu ao lado,
Dobra bem lento.
Um pássaro, na árvore ao lado,
Canta um lamento.

Mon Dieu, mon Dieu, la vie est là,
Simple et tranquille.
Cette paisible rumeur-là
Vient de la ville.

— Qu'as-tu fait, ô toi que voilà
Pleurant sans cesse?
Dis, qu'as-tu fait, toi que voilà
De ta jeunesse?

A vida aí está, num apagado,
Simples descanso,
Vem da cidade êsse apagado
Rumor tão manso.

— Ó tu que aí estás, pobre coitado,
Nessa ansiedade,
Que fizeste, pobre coitado,
Da mocidade?

DE

"JADIS ET NAGUÈRE"

ART POÉTIQUE

De la musique avant toute chose,
Et pour cela préfère l'Impair
Plus vague et plus soluble dans l'air,
Sans rien en lui qui pèse ou qui pose.

Il faut aussi que tu n'ailles point
Choisir tes mots sans quelque méprise :
Rien de plus cher que la chanson grise
Où l'Indécis au Précis se joint.

ARTE POÉTICA

Música acima de qualquer cousa,
E prefere o Ímpar, menos vulgar,
Que é bem mais vago e solúvel no ar,
Que nada pesa e que em nada pousa.

É bom também que saibas medir
Teus têrmos, não sem certo descuido:
Nada melhor do que o poema fluido
Que ao Indeciso o Preciso unir.

C'est des beaux yeux derrière des voiles,
C'est le grand jour tremblant de midi,
C'est, par un ciel d'automne attiédi,
Le bleu fouillis des claires étoiles!

Car nous voulons la Nuance encor,
Pas la Couleur, rien que la Nuance!
Oh! la Nuance seule fiance
Le rêve au rêve et la flûte au cor!

Fuis du plus loin la Pointe assassine,
L'Esprit cruel et le Rire impur,
Qui font pleurer les yeux de l'Azur,
Et tout cet ail de basse cuisine!

Prendes l'éloquence et tords-lui son cou!
Tu feras bien, en train d'énergie,
De rendre un peu la Rime assagie.
Si l'on n'y veille, elle ira jusqu'où?

É um lindo olhar entre rendas raras,
É a luz que treme ao sol vertical,
É, por um céu de calma outonal,
A mescla azul das estrêlas claras!

Nós só queremos o meio-tom,
Nada de Côr, sòmente a Nuança!
Oh! a Nuança é que faz a aliança
Do sonho ao sonho e do som ao som!

Evita sempre a Ponta daninha,
O cruel Espírito e o Riso alvar,
Que apenas fazem o Azul chorar,
E êsse alho, enfim, de baixa cozinha!

Toma a eloqüência e esgana-a! Farás
Bem em agir enèrgicamente,
Tornando a Rima um tanto obediente.
Quem sabe lá do que ela é capaz?

Oh! qui dira les torts de la Rime?
Quel enfant sourd ou quel nègre fou
Nous a forgé ce bijou d'un sou
Qui sonne creux et faux sous la lime?

De la musique encore et toujours!
Que ton vers soit la chose envolée
Qu'on sent qui fuit d'une âme en allée
Vers d'autres cieux à d'autres amours.

Que ton vers soit la bonne aventure
Éparse au vent crispé du matin
Qui va fleurant la menthe et le thym...
Et tout le reste est littérature.

Oh! quem diria os males da Rima?
Que criança surda, ou negro imbecil
Terá forjado essa joia vil
Que soa falsa e vã sob a lima?

Música sempre e cada vez mais!
Seja o teu verso a cousa evolada
Que vem a nós de uma alma exilada
Em outros céus para outros ideais.

Seja o teu verso a boa aventura
Esparsa ao áspero ar da manhã,
Que vai cheirando a giesta e hortelã...
E tudo mais é literatura.

Garcia

ÍNDICE

MINHA CARTA A PAUL VERLAINE . pag. 7

DOS "POÈMES SATURNIENS" . . „ 11

Mon Rêve Familier . . . . . „ 12
Meu Sonho Familiar . . . . „ 13

Chanson d'Automne . . . . „ 16
Canção de Outono . . . . „ 17

DE "LES FÊTES GALANTES" . . . „ 21

L'Amour par Terre . . . . „ 22
O Amor por Terra . . . . „ 23

En Sourdine . . . . . „ 26
Em Surdina . . . . . „ 27

Colloque Sentimental . . . . „ 30
Colóquio Sentimental . . . . „ 31

DE "LA BONNE CHANSON" . . „ 35

La Lune Blanche . . . . . „ 36
O Luar Grisalho . . . . . „ 37

Le Foyer, la Lueur . . . . . „ 40
O Lar, a Estreita Luz . . . . . „ 41

Le Bruit des Cabarets . . . . . „ 44
A Voz dos Botequins . . . . . „ 45

DAS "ROMANCES SANS PAROLES" . pag. 49

C'est l'Extase Langoureuse . . . . „ 50
É o Êxtase Langoroso . . . . „ 51

Ariette . . . . . „ 54
Arieta . . . . . „ 55

Green . . . . . „ 58
Green . . . . . „ 59

DE "SAGESSE" . . . . . „ 63

Les Mains . . . . . „ 64
As Mãos . . . . . „ 65

D'une Prison . . . . . „ 68
De uma Prisão . . . . . „ 69

DE "JADIS ET NAGUÈRE" . . . . „ 73

Art Poétique . . . . . „ 74
Arte Poética . . . . . „ 75

TERMINOU-SE A IMPRESSÃO DÊSTE
LIVRO AOS 21 DE ABRIL DE 1945,
NAS OFICINAS DE ELVINO POCAI
PARA A LIVRARIA MARTINS
— EDITÔRA, EM SÃO PAULO. —

24945